

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

A IDENTIDADE DO HOMEM DO CAMPO

MATINHOS

2014

RENATA APARECIDA LIMA

A IDENTIDADE DO HOMEM DO CAMPO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Fabiana Cristina Bonin

MATINHOS

2014

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 IDENTIDADE EM QUESTÃO.....	5
2.2 O CAMPONÊS NA SOCIEDADE MODERNA.....	6
3 METODOLOGIA	7
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	8
5 CONCLUSÃO	11
REFERÊNCIAS.....	12
APÊNDICES.....	13

A IDENTIDADE DO HOMEM DO CAMPO

Renata Aparecida Lima¹

Fabiana Cristina Bonin²

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

RESUMO: O presente artigo busca valorizar a identidade do homem do campo e sua cultura, deixando claro que os avanços tecnológicos também são uma realidade nas áreas rurais. Tem como objetivo principal promover o resgate da cultura e da identidade do homem do campo, pois em meio a tanta modernidade torna-se cada dia mais difícil manter vivo os seus hábitos que muitos julgam ser ultrapassados. Desdobra-se nos objetivos específicos: valorizar e conhecer o homem do campo, sua cultura, suas tradições, além de discutir as vantagens da vida no campo. O trabalho consistiu-se em uma revisão bibliográfica, seguida de aplicação de questionário a moradores da zona rural, a fim de desmistificar a imagem de coitado do homem do campo, buscando demonstrar que ele pode ter o mesmo conforto que as pessoas que vivem na cidade, e que a modernidade chega ao campo com o trabalhador indo atrás do acesso as novas tecnologias rurais e informações necessárias para se tornar um trabalhador atualizado no mundo contemporâneo, com este boom de novidades e atualizações frequentes relacionadas ao meio rural.

Palavras-chaves: homem do campo, identidade, modernidade.

1 INTRODUÇÃO

O isolamento geográfico e cultural faz com que a vida na roça seja solitária, porém a relação com a vizinhança supre essa falta, pois são constituídos laços de solidariedade e de amizade. O homem do campo é um ser social, que transmite suas tradições sociais, constituindo por meio deste processo a configuração do cenário social contemporâneo. E sua cultura se faz presente nas diversas relações do cotidiano, principalmente naquelas que tendem garantir sua sobrevivência (SABIÃO, 2012, p.3).

As tradições parecem não ter lugar e nem vez na história, sendo consideradas como algo perdido no tempo. É preciso desmistificar essa imagem do caipira atrasado, analfabeto e de hábitos simples, que mora no campo porque não

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo - EaD, Universidade Federal do Paraná - Polo UAB de Cruzeiro do Oeste – PR, renath.lima@hotmail.com

² Graduada em Ciências Biológicas; Esp. em Morfofisiologia do Organismo Humano, Esp. em Mídias Integradas a Educação, Esp. em Educação a Distância, Professora de Ciências da Rede Estadual de Ensino; Orientadora. fcbonin@gmail.com

teve uma oportunidade na vida. É comum encontrar o termo caipira para designar a inferioridade das práticas culturais rurais em contraste com as práticas urbanas e modernas. “A modernidade tem deixado para trás toda história do camponês é como se uma ventania varresse o tempo, tornando o que passou coisa antiga, velha e ultrapassada” (CUNHA, 1996, p. 30,)

A sociedade em geral tenta criar uma identidade para o homem do campo de acordo com a realidade atual, sem levar em consideração toda a sua história de vida, suas raízes, seus hábitos e costumes.

Tem-se a ideia de que a vida no campo é sofrida, que as pessoas que vivem e trabalham na área rural não tiveram uma oportunidade. Isto posto, o presente artigo busca valorizar a identidade do homem do campo e sua cultura, deixando claro que os avanços tecnológicos também são uma realidade nas áreas rurais. Tem como objetivo principal promover o resgate da cultura e da identidade do homem do campo, pois em meio a tanta modernidade está se tornando cada dia mais difícil de manter vivo os seus hábitos que muitos julgam ser ultrapassados. E desdobra-se nos objetivos específicos: valorizar e conhecer o homem do campo, sua cultura apresentando a importância de se manter viva suas tradições, além de discutir as vantagens da vida no campo.

É preciso implementar políticas públicas voltadas para o campo, uma vez que sem o agricultor não haverá produção de alimentos suficientes daqui a alguns anos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 IDENTIDADE EM QUESTÃO

Para Stuart Hall (2006), a questão da identidade está sendo muito discutida na teoria social. Questionando que as velhas identidades que se estendiam por muito tempo estão sendo destruídas, levando ao surgimento de novas identidades. O homem que era tido como um sujeito único hoje está sendo fragmentado. Crise de identidade já é um termo muito comum nos dias atuais, o ser humano em geral já não tem mais um ponto de referência, as mudanças acontecem de repente, fazendo com que o indivíduo tenha suas estruturas abaladas.

Outro fator que tem contribuído muito com essa questão da identidade é a globalização, é impossível ficar parado esperando que as coisas aconteçam, ninguém quer ficar para trás, principalmente os jovens, e isso dificulta manter viva a verdadeira identidade. As pessoas não estão se dando conta do que a modernidade pode fazer em suas vidas, seja pelo lado bom como para o ruim, nem todo mundo tem equilíbrio suficiente para suportar mudanças tão drásticas.

A respeito da modernidade, Marx e Engels afirmam que:

é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos ... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar [...] (MARX; ENGELS, 1973, p. 70).

A sociedade de hoje vive em constante mudança, a roupa que estava na moda ontem, hoje ninguém mais usa, já está esquecida. Nas sociedades tradicionais tudo tinha o seu tempo para acontecer, não importava quanto tempo. Anthony Giddens argumenta que:

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência geracional. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1991, p. 37-38).

Ninguém nasce com uma identidade pronta, ela é construída no decorrer da vida, no convívio com os familiares, amigos e pessoas próximas. Isso vale para todas as pessoas, independente de classe social ou lugar onde reside, seja a zona rural ou a zona urbana.

2.2 O CAMPONÊS NA SOCIEDADE MODERNA

Segundo Fernandes (1999), a sociedade moderna colocou o campo numa posição de inferioridade, da mesma forma que a vida na cidade é melhor que no campo. O homem do campo ficou com estigma de ultrapassado e frágil.

Um exemplo bem comum é a imagem do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, um caipira sujo, cheio de doença, preguiçoso, deixando ainda mais negativa a figura do camponês. Essa história retrata a diferença entre o mundo rural e urbano.

A sociedade do mundo rural tem dificuldade de crescer socialmente, culturalmente e financeiramente. É como se as pessoas que vivem no campo fizessem parte de outro mundo, vivendo de forma subordinada ao meio urbano. Mais uma vez o homem do campo ganha o estereótipo de atrasado, ou seja, a cidade e o campo são dois mundos diferentes.

De acordo com D'Ambrósio (2005), as expressões culturais podem ser observadas nas atividades do cotidiano de diversos grupos, as características intrínsecas em cada cultura necessitam de uma leitura diferenciada, onde seja permitindo o conhecimento e o respeito às raízes de um indivíduo sem ignorar e rejeitar as raízes do outro, permitindo que as raízes sejam reforçadas.

O respeito pela diversidade cultural proporciona o bem-estar individual e coletivo, o conhecimento de diferentes raízes, faz com que as raízes se fortaleçam. De acordo com Vergani.

uma cultura é a expressão temporal de um ponto de vista singular e irreduzível sobre o mundo. O homem não vive só do seu pensamento ou das suas capacidades cognitivas, mas também do desenvolvimento da sua sensibilidade, do seu sentido crítico, das suas faculdades criativas. Dependendo a sua felicidade das condições que permitem a sua realização harmônica e integrada, cada cultura oferece uma forma de vida capaz de possibilitar essa globalidade de bem-estar humano original e histórico. As pessoas aderem as tradições que lhes proporcionam satisfação, bem-estar, prazer partilhável (VERGANI, 1995, p. 24).

3 METODOLOGIA

Logo no primeiro momento foram realizadas pesquisas bibliográficas em autores como Sabião, Fernandes, Vergani, cujas temáticas são voltadas para o homem do campo e a construção da identidade de cada um. Após esse estudo foi realizada uma entrevista, por meio de questionário (ver apêndice A), com pessoas que residem há mais de 5 anos no campo e com idade superior a 20 anos, todos alfabetizados. A pesquisa teve como principal objetivo verificar a opinião do homem que mora e trabalha no campo em relação ao seu convívio com outras pessoas da comunidade, sua cultura e como as ações do governo estão influenciando na qualidade de vida e condições de trabalho para o setor da agricultura.

As pessoas entrevistadas residem na zona rural pertencente à cidade de Umuarama, Paraná. As questões da entrevista foram elaboradas de maneira pertinente e objetiva, dando enfoque a identidade e cultura do homem do campo.

Os entrevistados gostaram de participar da pesquisa, pois por meio das respostas também puderam, de forma indireta, desabafar. Ficaram surpresos com a pesquisa, segundo eles ninguém lembra do homem do campo, pois os mesmos só são lembrados quando dizem que sem eles não há produção de alimentos e com isso vai faltar no futuro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante ressaltar que os entrevistados foram muito coerentes e honestos em suas respostas.

A questão número um trouxe um assunto muito polêmico nos dias atuais, a dificuldade de manter a verdadeira identidade do homem do campo e o que eles têm feito para manter viva a sua cultura.

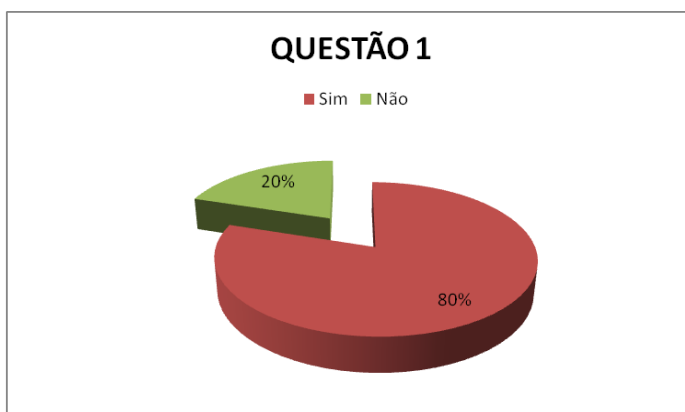


Gráfico 1. Com tanta inovação fica difícil de manter nossa verdadeira identidade. Vocês têm feito algo para manter viva sua cultura?

A maioria respondeu que é difícil manter suas raízes, mas que procura continuar com os costumes que os mais velhos tinham. Esse resultado nos remete a Giddens (1991) que afirma que nas sociedades tradicionais o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque perpetuam experiências de diferentes gerações.

Já questão dois abordava a imagem que tem-se do homem do campo em relação a sua honestidade e bondade e se existe solidariedade entre as comunidades.

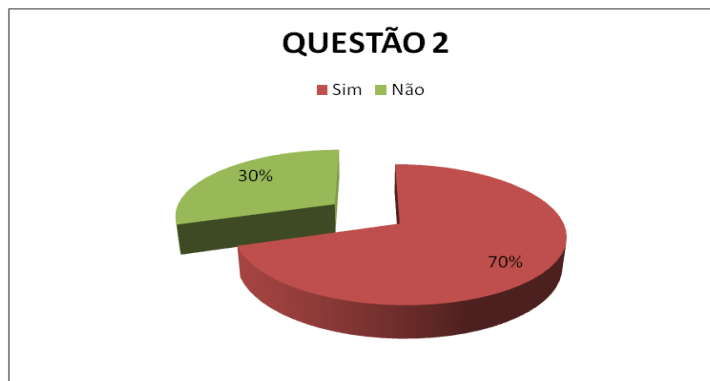


Gráfico 2. A imagem que temos do homem do campo é de um ser muito honesto e bondoso. Existe solidariedade entre as comunidades?

A maioria dos participantes ou seja, 70%, responderam que sim, apesar de tanto individualismo entre as pessoas ainda há solidariedade no campo. Sabião (2012) informa que essa solidariedade deve-se a boa relação existente entre os vizinhos, que por sua vez supre o isolamento geográfico e cultural relacionado as questões da zona urbana porque, o homem do campo é um ser social e também há cultura no campo, a qual é transmitida de geração em geração, por meio das relações cotidianas.

A questão número três trouxe um questionamento sobre essa sociedade individualista e capitalista que vivemos hoje. O homem do campo também tem essa visão?

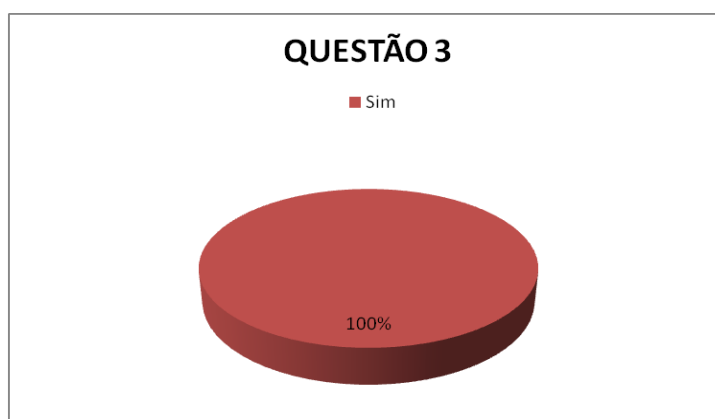


Gráfico 3. Vivemos uma realidade onde as pessoas são capitalistas e individualistas. O homem do campo tem essa visão em relação à sociedade em geral?

A resposta foi unânime, todos concordam que as pessoas estão cada vez mais sozinhas e na busca desenfreada pelo dinheiro, acabam vivendo de maneira

individualista. Por mais que os moradores do campo sejam solidários uns com os outros e vivam isso no seu cotidiano, percebem que busca pelo ter impede que as relações se estreitem.

A questão número quatro aborda o uso das tecnologias no campo e como elas podem interferir na cultura camponesa.

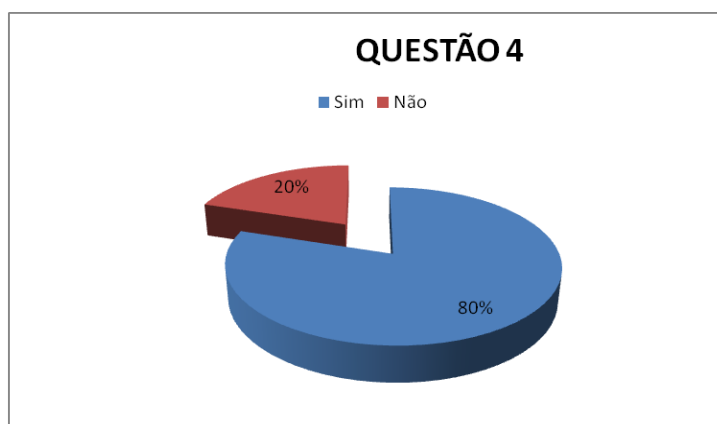


Gráfico 4. Tecnologia no campo já é uma realidade. Esses avanços podem interferir de alguma forma na sua cultura?

Todos concordam que elas podem interferir, mas sempre procuram usá-las para melhorar a vida e a produção no campo, pois, de acordo com Almeida:

Inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto (ALMEIDA, 2005, p. 71).

Última questão, essa muito polêmica, busca averiguar se as políticas públicas são suficientes para que os moradores do campo consigam viver de forma digna.

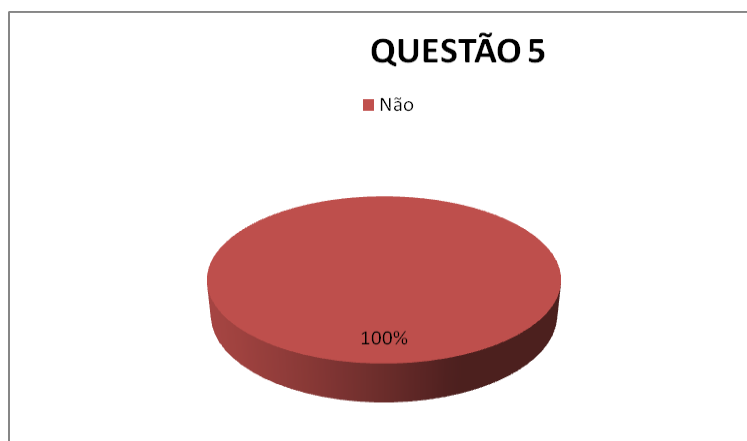


Gráfico 5. As políticas públicas são suficientes para incentivar o camponês a viver de forma digna no campo?

Todos responderam que não, falta muito investimento no campo e que por isso muitos têm buscado outros meios para garantir uma renda fixa.

Percebe-se que os entrevistados buscam, na prática diária, manter a identidade do homem do campo, com seus costumes, suas crenças e que, por gostarem da maneira diferente da vida no campo procuram perpetuar a cultura camponesa incentivando os mais jovens a dar continuidade aos costumes sem deixar de utilizar as modernidades da vida contemporânea como facilitadoras do trabalho no campo e é claro, de lutar por melhorias e pela implementação de políticas públicas que beneficiem o camponês.

5 CONCLUSÃO

Com esse trabalho fica claro como é difícil para o homem do campo manter sua verdadeira identidade em meio a tanta modernidade. Essas mudanças aceleradas vêm causando um impacto muito grande para aqueles mais presos as suas raízes. Apesar da modernidade o que ainda os mantém no campo é a relação de solidariedade e o modo de vida simples e calmo que o a vida no sítio oferece.

O camponês por sua vez ainda é visto por uma parte da sociedade como um ser atrasado, sofrido e sem estudo, esquecendo de valorizá-lo como pessoa que contribui para o bem estar de todos da cidade. Há quem imagina que o homem do campo é aquele senhorzinho simpático com uma aparência de cansaço estampada no rosto pelo sol forte do dia a dia, mas estamos no século XXI e esta não é mais a realidade na sua grande maioria.

Apesar de todo o estigma criado sobre o homem do campo, fica claro que ele está globalizado, atualizado e cada vez mais vem aprimorando suas técnicas na agricultura. As políticas públicas precisam ser mais coerentes com a realidade do campo, valorizando a identidade destes trabalhadores e incentivando-os a permanecer no campo vivendo e trabalhando dignamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. MORAN, José Manuel. **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília. Ministério da Educação: SEED, 2005. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/livro.htm> Acesso em 04/03/2014.

CUNHA, L. H. O. **Tradição e modernidade: imagens, tempos e movimentos**. São Paulo: PUC. 1996.

D' AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP. 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

SABIÃO, R. M. B; PANEGASSI, R. L. **Entre rotina e tradição: Heranças campesinas na sociedade contemporânea a partir do cotidiano dos Batistas**. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340681424_ARQUIV_O_artigoanpuh2012rafaelsabiao-2.pdf > Acesso em 20/01/2014.

VERGANI, T. **Excrementos do Sol: a propósito de diversidades culturais**. Lisboa: Pandora, 1995.

ARROYO, M.G; FERNANDES, B. M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999a. (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 2). p. 29.

